

NARRATIVAS ORAIS NA INVESTIGAÇÃO DA HISTÓRIA SOCIAL*

Yara Aun Khoury**

Resumo

O presente artigo busca apresentar reflexões sobre um percurso de trabalho com história oral, de um grupo de professores, junto ao Núcleo Cultura, Trabalho e Cidade, na área de História, PUC-SP, explorando, particularmente, alguns usos das narrativas orais na explicação histórica.

Palavras-chave

História oral; cultura; subjetividade; pesquisa.

Abstract

The present article aims to reflect on a work dealing with Oral History carried out by a group of professors from the Culture, Work and City Nucleus, area of History, Catholic University of São Paulo. The work explored some uses of oral narratives in the historical explanation.

Key-words

Oral history; culture; subjectivity; research.

* Artigo produzido no transcorrer das reflexões junto ao Núcleo de Estudo Cultura, Trabalho e Cidade e exposto no I Encontro Procad, PUC-SP, 3 a 15/5/01.

** Professora do Departamento de História da PUC-SP.

A intenção deste artigo é apresentar algumas reflexões em torno do uso de narrativas orais na investigação histórica, dispondo-se a um diálogo com outros pesquisadores que venham desenvolvendo trabalhos nessa direção. Para melhor compreensão dos procedimentos metodológicos adotados, dos desafios encontrados e das escolhas realizadas, parece-nos indicado expor algumas perspectivas de abordagem da história social e da cultura que nos levaram a uma aproximação do trabalho com a história oral.

Trabalhando com um grupo de professores e alunos, junto ao Núcleo Cultura, Trabalho e Cidade, do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, buscando entender e explicar as razões e os sentidos da transformação social, atentos à historicidade dos mecanismos da mudança, voltamo-nos para questões amplas em contextos localizados, progressivamente abalados e desarticulados por pressões hegemônicas centralizadoras e globalizadoras, que se impõem na atualidade. Nesse sentido, temos enfatizado alguns recortes, como formas de constituição e transformação das cidades, experiências de trabalho e de lutas sociais, modos de viver, morar e de se sociabilizar, nos meios rurais e urbanos, assim como formas de construção da memória e das representações, nas suas múltiplas interferências, nas estratégias dos grupos sociais.

Indagando sobre o lugar que diferentes sujeitos vêm ocupando nesses processos, dialogamos com o passado a partir de uma concepção de presente permeada por uma perspectiva de reconhecimento das diferenças e do direito da participação de todos nos destinos sociais.

Abordando a história como um processo construído pelos próprios homens, de maneira compartilhada, complexa, ambígua e contraditória, o sujeito histórico não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricadas. Esses sujeitos são moradores da cidade, pequenos agricultores do campo, artesãos, pescadores, trabalhadores assalariados, grupos de imigrantes, de mulheres, de jovens, velhos ou crianças, membros de movimentos específicos, vivendo experiências de trabalho, construindo modos de viver e de se organizar, ou sobrevivendo em becos e ruas, com bagagens culturais diferentes, com perspectivas futuras diversificadas, enfrentando, ou não, processos de exclusão, marginalização e segregação social.

Nessa perspectiva, a cultura não é pensada como curiosidade ou um exotismo, mas enraizada na realidade social, impregnada de um sentido intenso, por meio da qual as pessoas se expressam, reagem, exercendo, ou não, suas possibilidades criativas, forjando os processos de mudança social.

Buscando apreender os significados mais profundos das relações sociais, e da mudança histórica, compreendendo e incorporando a diversidade de perspectivas e pontos de vista, como possibilidades alternativas colocadas no social, procuramos dar uma explicação densa dos fatos e trabalhá-los acima de qualquer compartimentação. Para isso não só recorremos a uma gama bastante diversificada de fontes, como lançamos um novo olhar sobre elas. Nós as pensamos em sua própria historicidade, como expressões de relações sociais, assim como elementos constitutivos dessas relações. Escolhê-las e analisá-las implica identificá-las e compreendê-las no contexto social em que se engendram e, igualmente, dentro de nossas perspectivas de investigação. Nesse sentido, mais do que buscar dados e informações nas fontes, nós as observamos como práticas e/ou expressões de práticas sociais através das quais os sujeitos se constituem historicamente.

Nessa perspectiva é que as fontes orais foram sendo progressivamente incorporadas ao nosso trabalho, constituindo-se em instrumento útil na investigação da complexidade e da dinâmica social, por sua natureza peculiar, marcada por um processo de diálogo entre duas pessoas, por meio do qual se produzem versões únicas da realidade social.

A escolha de trabalhar com história oral e a busca de melhor compreensão e emprego dessa metodologia de trabalho não foram automáticas. Fomos construindo e continuamos a construir as pesquisas, recorrendo a leituras e debates, à realização de oficinas e seminários, participando de encontros e congressos regionais, nacionais e internacionais. Nesse caminho, fomos estabelecendo diálogo proveitoso com vários autores, desde Alessandro Portelli, até Raphael Samuel, passando por Alistair Thomson, Luisa Passerini, Eugenia Meyer, Michael Frich, Mercedes Vilanova, Mary Marshall Clark, Danièle Voldman, Michel Trebisch, Henry Rousso. Com colegas latino-americanos e brasileiros, particularmente do CPDOC, no Rio de Janeiro, do Ceru, na Universidade de São Paulo, do Centro de Memória, da Unicamp, dos departamentos de História da Universidade Federal Fluminense e da USP e de tantos outros, de Belo Horizonte, Recife, Bahia, Brasília, Goiás, Acre, partilhamos reflexões e criamos a Associação Brasileira de História Oral.

Vindos de um percurso bastante voltado para o estudo de movimentos sociais, nossas primeiras pesquisas com história oral focalizavam essa temática em contextos localizados, havendo maior incidência de estudos sobre o Movimento dos Sem Terra (MST), procurando avaliar trajetórias percorridas, problemáticas enfrentadas, discutindo modos de organização e rumos do movimento em várias dimensões. Outras voltavam-se para experiências específicas, como modos de viver e sobreviver de seringueiros na

região do Acre ou de garimpeiros, na região de Goiás, nos respectivos processos de exploração da borracha e do diamante; outras mais, voltavam-se para modos de viver e trabalhar de pescadores e oleiros, em regiões da Bahia, sensivelmente abalados pela expansão do turismo e pela apropriação de seus produtos pelo comércio de grandes cidades; modos de trabalhar e de viver de ambulantes no centro da cidade de Salvador, disputando territórios, preservando certas tradições e constituindo-se nesse processo. Outros, ainda, procuravam trabalhar a memória de moradores de determinadas cidades, refazendo seus contornos mais visíveis e trazendo à luz viveres apagados ou ocultados por outras presenças mais dominantes, quer de moradores, quer da administração pública ou da política.

Nesses estudos, não buscávamos trabalhar com quantidades exaustivas de entrevistas, ou com amostragens tidas como representativas de diferentes grupos de pessoas. Para nós, lidar com médias poderia significar correr o risco de aplainar a realidade. A tendência era trabalhar com poucas entrevistas, escolhendo as mais extraordinárias e as diferentes entre si e, por meio delas, identificar, avaliar e explicar possibilidades, alternativas e limites presentes, e em embate, na realidade social. Nessas pesquisas, os entrevistados eram selecionados e as narrativas consideradas representativas por sua capacidade de expressar e delinear possibilidades e limites presentes na realidade social, quer como realidades consumadas, quer como horizontes ambicionados ou perigos temidos. Com essas características, as narrativas traziam subsídios para melhor trabalharmos a dinâmica complexa e rugosa da realidade social, cujas peculiaridades, semelhanças e diferenças nos dispúnhamos a descortinar e problematizar.

Desenvolvíamos, nesse caminho, uma certa sensibilidade e habilidade no sentido de perceber, nas nuances das conversas, nas fabulações, nos silêncios e omissões, uma pluralidade de perspectivas, temores, diferenças, tensões e limites impostos, expressos como expectativas imaginadas e não escolhidas, sonhos arquitetados e não realizados, e perigos eminentes e, de justeza, contornados.

Nesse processo, tornaram-se mais visíveis, por exemplo, modos como ambulantes, na cidade de Salvador, assim como seringueiros, em Brasileá, no Acre, constroem sua sobrevivência realimentando e/ou reelaborando em costumes, hábitos, crenças, tradições de trabalho, contornando normas impostas, evitando perigos. Pudemos visualizar, também, entre outras coisas, como normas de convívio social, baseadas num direito costumeiro, regem uma organização social de garimpeiros, em Balisa, Goiás, quando o mundo do garimpo é tido como “a terra de ninguém”, “a terra dos sem lei”. Nos estudos sobre algumas cidades, lembranças narradas por seus moradores auxiliaram na recupe-

ração de outros contornos e viveres da cidade. Realidades trazidas pelas conversas tornaram possível dimensionar maneiras como elementos da cultura ocultados, ignorados e/ou apagados da memória de muitos, por outros, mais hegemônicos, se expressam como perdas, mas também podem aparecer como elementos constitutivos de uma dinâmica de resistência e de luta.

Nesse uso mais sistemático da história oral como metodologia de trabalho, fomos levantando algumas questões, em torno da natureza e dos significados desse trabalho em nossas perspectivas de investigação. Nesse caminho, fomos estreitando um diálogo com Alessandro Portelli, professor de Literatura Americana, na Universidade Sapienza, de Roma, e com Alistair Thomson, professor de História na Universidade de Sussex, na Inglaterra, por encontrarmos afinidades temáticas e metodológicas com seus estudos. Sua experiência de trabalho com história oral e memória popular, acumulada ao longo de vários anos, realizando diálogo direto com trabalhadores, com ex-combatentes de guerra e, até mesmo, estudando memórias da escravidão em textos biográficos, tem nos auxiliado a avançar no entendimento e no uso das narrativas e das memórias individuais na explicação histórica.

Se uma preocupação central nossa é identificar as alternativas presentes no social, concretizadas ou aspiradas pelos sujeitos num determinado campo de forças da realidade social, como tirar melhor proveito do diálogo que estabelecemos nas entrevistas de história oral, buscando nelas explicações históricas? Uma das questões que mais tem nos chamado a atenção é a da subjetividade das narrativas. Se nela se encontra um rico potencial para explorar as diferenças e o movimento que buscamos na realidade social, como entender esse potencial e trabalhá-lo adequadamente na investigação histórica?

Portelli, por sua contribuição, como profissional da área de literatura, oferece-nos subsídios importantes para nossas reflexões, ao trabalhar as narrativas como textos e, portanto, com um enredo, com interpretações construídas pelos sujeitos; da mesma forma, ao tecer considerações sobre a oralidade como um gênero de discurso, com características próprias que tornam evidente o trabalho da palavra como trabalho da consciência, construindo interpretações na dinâmica social.

Falando da natureza dialógica do trabalho de história oral, Portelli¹ salienta que o que é produzido por meio dessa conversa é fruto não somente do que os entrevistados

1 Alessandro Portelli. "História oral como gênero", em *The Battle of Valle Giulia, Oral history and the art of dialogue*, Madison, The University of Wisconsin, 1997, pp. 3-23. Ver também O que faz a história oral diferente, *Projeto História* 14, São Paulo, Educ, fev., 1997, pp. 25-39.

dizem, mas também do que fazemos como historiadores, criando uma narrativa cuja importância está em ser única. Cada pessoa, valendo-se dos elementos de sua cultura, socialmente criados e compartilhados, conta não apenas o que fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, ou seja, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la. Por meio dessa organização, cada narrador dá uma interpretação da realidade e situa nela a si mesmo e aos outros e é nesse sentido que as fontes orais se tornam significativas para nós.

Se, numa primeira fase de nosso trabalho com entrevistas, tínhamos com maior facilidade a trabalhar os dados e as informações presentes nas narrativas, aos poucos fomos tomando consciência da necessidade de explorarmos melhor os significados mais profundos de seus enredos. Como, então, investir nessa direção?

Se cada narrador organiza os materiais da história de maneira única, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados e se as narrativas ocorrem em um meio social dinâmico, devemos ser cautelosos para não situá-las fora do indivíduo². Isso supõe lidar de maneira cuidadosa com a subjetividade de cada pessoa que narra e não trabalhar com subjetividade e objetividade como elementos estanques e dicotômicos. Supõe, também, atentar para as dimensões imaginárias e simbólicas presentes em cada narrativa, como realidades históricas, procurando avançar na decodificação de significados profundos das relações sociais vividas por essas pessoas; supõe, ainda, atentar para os modos como dimensões presentes, passadas e futuras se cruzam e se relacionam nos enredos narrados, refletindo sobre os trabalhos da fala, da memória e da consciência na construção desses enredos e na constituição dos sujeitos sociais.

Essas inquietações têm nos acompanhado no exercício da pesquisa, levando-nos a repensar algumas noções que orientam nossos estudos e a modificar alguns procedimentos. As entrevistas abrem caminhos para pensarmos e trabalharmos, por exemplo, a noção de fato histórico. Se cada pessoa traz em sua experiência e em suas narrativas elementos de sua cultura, impregnados de seu próprio ponto de vista, forjado em convívio e em conflito na dinâmica social, não só dizemos que, na narrativa, dispomos

2 Alessandro Portelli comenta amplamente essa questão no artigo "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e história oral", em *Projeto História* 15, São Paulo, Educ, abr., 1997, pp. 13-33. Também Alistair Thomson, trabalhando a memória de ex-combatentes de guerra australianos, faz reflexões excelentes sobre significados e modos de construção das narrativas e da memória, no artigo *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e a memória*, *Projeto História* 15, São Paulo, Educ, abr., 1997, pp. 51-84.

menos de fatos reconhecidos como tais, do que de textos, de enredos, como também, que estes, a seu modo, são também fatos, ou seja, dados de algum modo objetivos, que podem ser analisados e estudados. Nesse sentido, tendemos a tratar sonhos, expectativas, propostas, projetos, fabulações, trazidos por nossos interlocutores, como fatos, passíveis de reflexão objetiva, oferecendo indícios de possibilidades alternativas na realidade social.

Por esse caminho, vamos ampliando uma reflexão, já em curso no campo da história, sobre modos como lidamos mais facilmente com determinados fatos instituídos como históricos, em detrimento de outros, que têm um significado profundo para determinados sujeitos e para determinadas culturas, mas que vão sendo ignorados ou ocultados sob o peso de histórias, memórias mais poderosas. Além disso, a narrativa oral, como um gênero específico de discurso, impregnado de interrupções, digressões, repetições, correções, constituindo-se mais como um processo do que como um texto acabado, põe em evidência o movimento da palavra, da memória e da consciência, demandando um tratamento específico³, que também pode ser bem proveitoso no sentido de ampliar e modificar a noção de fato histórico e, por esse caminho, contribuir para a incorporação de outros sujeitos à história.

A natureza dinâmica da narrativa oral torna mais evidente a natureza historicamente condicionada do trabalho de campo⁴. Nesse sentido, temos procurado adotar procedimentos úteis para melhor compreensão de cada fala na dinâmica social em que se engendra e se expressa. Situando cada narrativa na pessoa que a constrói e expressa, tendemos a observar, de maneira ampla e também específica, as pessoas que escolhemos para dialogar, em cada estudo; atentando para o lugar que ocupam na realidade social e o que representam nele; analisando como se sentem ao serem solicitadas para dialogar, tanto em relação aos companheiros, quanto em relação ao pesquisador; e como todas essas circunstâncias influem em suas narrativas; ou o que suas narrativas revelam dessas relações, etc.

3 Alessandro Portelli desenvolve essa reflexão em *A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memória e nas fontes orais*, *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, pp. 59-72.

4 Idem. *Forma e significado da história oral. A pesquisa como um experimento de igualdade*, *Projeto História* 14, São Paulo, Educ, fev. 1997, pp. 7-27.

No encaço da compreensão dos enredos em seus processos constituintes, procuramos observar e analisar como cada pessoa que narra atribui significados à vida presente, mediados por perspectivas passada e futuras e, também, como sua fala expressa reações em relação ao ato da interlocução.

Todos esses procedimentos nos demandam entrar para dentro da narrativa, levando em conta diferenças culturais, formações intelectuais e imbricadas relações de poder entre as pessoas implicadas no estudo.

Temos notado, por exemplo, que nas pesquisas sobre movimentos sociais, ainda são pouco exploradas alternativas em convívio e em confronto que se delineiam de maneira sutil e diluídas nas práticas diárias, ou se enunciam de modo tímido ou agressivo em encontros e debates. Alguns estudos chegaram a observar que, nos próprios modos de falar entre membros de movimentos, estão indícios de formas de integração ou de divergências. A variação do linguajar, em diferentes momentos das entrevistas, pode ter significados culturais e políticos importantes. O pesquisador atento a esses detalhes, não menos importantes, poderá explorar neles, e por meio deles, perspectivas e projetos alternativos, correlações de força, formas de submissão e de resistência.

Alguns pesquisadores ligados, de alguma forma, aos movimentos, resistem, às vezes, em trabalhar diferenças e tensões internas a eles. Essa dificuldade, compreensível em relação a um possível temor de fragilizar a organização e a luta, se encarada em sentido positivo, poderá conduzir a pistas interessantes, na identificação de forças latentes e de alternativas possíveis para o movimento.

Por outro lado, temos procurado estar atentos aos modos como referenciais e categorias de análise que adotamos e a nossa própria bagagem cultural influem nas explicações que formulamos sobre um determinado tema ou problema.

Exemplo disso está em certos usos da noção de sujeito coletivo, particularmente no estudo de movimentos sociais ou de grupos específicos. Se lidamos com uma noção fechada de sujeito coletivo, podemos tender a explicações genéricas que se tornam aplainadoras da realidade social sobre a qual refletimos. Entrando em contato com experiências únicas, pelo trabalho que realizamos com as narrativas orais, temos buscado não generalizar para o conjunto do movimento, ou do grupo, tendências mais evidentes forjadas e alimentadas por forças hegemônicas dentro deles. Quando a preocupação de explicar um coletivo se sobrepõe a uma perspectiva de pensá-lo como uma experiência múltipla, construída por sujeitos com bagagens culturais diferentes, visões diferentes e

propostas e projetos de futuro diferentes, disputando lugares e formas de organizar e de encaminhar o futuro, acabamos por perder de vista as dimensões complexas, ambíguas e contraditórias dessa experiência

Tendo o cuidado de não desvincular as narrativas dos sujeitos que as constroem, dispensando a devida atenção ao lugar e ao significado de cada fala e aos mecanismos por meio dos quais elas se engendam, na experiência vivida e na interlocução, vamos tendo melhores condições de examinar e explicitar diferenças, contradições e ambigüidades como elementos constitutivos dos próprios movimentos e dos grupos. Um dos desafios, nesse sentido, constitui-se no próprio modo de elaborar e de redigir os resultados do estudo de modo a apresentar, mais do que um produto acabado, um inventário das diferenças que convida o leitor a novas interpretações e avaliações.

Não é fácil, no entanto, a tarefa de realmente compreender a experiência do outro e incorporar a diferença, não como desvio, mas como elemento constitutivo dos processos sociais. No caso, é no próprio exercício da pesquisa com história oral que vamos desenvolvendo habilidades para melhor captar, nos significados dos enredos, modos peculiares de ser e de viver, tensões e conflitos, resistências e transgressões, sujeições e acomodações, vividos e narrados pelos sujeitos como sonhos, expectativas e projetos, valores, costumes, tradições, fabulações.

Um estudo, sobre experiências de agricultura familiar, em Marília⁵, tem nos levado a avaliar as implicações de certos empregos da noção de identidade coletiva, comumente usada como referencial de análise em pesquisas sobre grupos de trabalhadores, de imigrantes, de mulheres, de grupos étnicos, etc. Selecionando e entrevistando agricultores familiares, Paulino tem encontrado homens e mulheres, parentes entre si, com idades diferentes, formações variadas, que insistem em continuar exercendo suas atividades na lavoura e na criação de animais, mesmo enfrentando sérias dificuldades e tendo que recorrer a outros trabalhos numa sociedade que vai, progressivamente, globalizando-se, comungando outros valores.

Atenta ao cuidado de tratar essa pesquisa como uma problemática vivida e não como uma abstração, tem se colocado algumas questões: pelo fato de esses trabalhadores escolherem permanecer na agricultura familiar e de viverem essa experiência comum forjam-se certos laços entre eles, que se expressam em alguma marcas comuns mais

5 Ana Yara Paulino, *(Re)construindo a agricultura familiar: São Paulo, 1964-1988*, Doutorado em História, em elaboração, PUC-SP, 2001. Orientadora: Prof. Dra. Yara Aun Houry.

visíveis; mas isso lhes garante uma identidade coletiva, no sentido de única, em que as diferenças aparecem apenas como desvios? É possível trabalhar experiências variadas e diversificadas, reunidas por uma escolha comum, sob a perspectiva de identidade? Como entender e trabalhar essa noção de identidade? Quais as implicações nos resultados da pesquisa e na restituição desse trabalho aos sujeitos interessados?

Em seminário em torno dessa pesquisa, foram muito proveitosas algumas reflexões referentes a essas questões: a noção de identidade supõe algo dado e nos estimula a pensar e a trabalhar esses produtores como um coletivo, ou seja, a fazer abstrações que aplainam a realidade. Com isso não estaríamos conflituando com o tratamento dessa realidade como um processo em constante movimento, construído pelos próprios agricultores, mediado pelos modos como vivem e interpretam essa realidade, acomodando-se ou formulando propostas e projetos em relação a ela, que se expressam como possibilidades alternativas num determinado campo de forças? Ao perdermos de vista a experiência cotidiana, não estaríamos ignorando certas diferenças que podem ser significativas nas experiências vividas por esses agricultores, ou passando ao lado de modos como eles, permanentemente, constroem e refazem identificações?

No dizer de Déa Fenelon, se estamos falando de examinar a experiência social de trabalhadores em todos seus ângulos de existência e de vida (...) isto significa examinar todo seu modo de vida no campo das transformações e mudanças que, cotidianamente, experimentam (...); não apenas as condições e padrões de existência material (...), mas também no campo dos sentimentos e dos valores, para perceber a intensidade com que muitas dessas noções e valores são expropriados no dia-a-dia da dominação, a resistência oferecida neste processo e a necessidade de reconstruir e reinventar a cultura a partir de sentimentos de perda de padrões antes estabelecidos⁶.

As narrativas orais, para além de revelar a multiplicidade de sujeitos e temporalidades, podem também mostrar a fluidez, as hesitações, a intrepidez, enfim, a flexibilidade das pessoas ao lidar com as situações. Como explorar em suas expressões subjetivas e, portanto, únicas, a multiplicidade, as divergências e identificações, avaliando modos como estas interferem na dinâmica social, refletindo sobre elas como possibilidades criativas na construção dos processos sociais?

6 Déa Fenelon, O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?, *História & Perspectiva* 6, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 1991.

No presente estudo, por exemplo, esses agricultores podem ter pontos em comum, como a valorização da agricultura, mas, também, diferentes modos de viver e construir essa realidade. Nesse sentido, um caminho seria refletir sobre modos como essas experiências se constituem em espaços específicos, impregnados de significados peculiares, construídos por esses agricultores em suas práticas diárias, no jogo de forças em que se constituem; essas experiências espacializadas, além de imprimirem uma certa cartografia física e simbólica ao lugar, também contribuem para variações, solidariedades e divergências nas escolhas diárias. Nesse processo, identificações e divergências emergem em momentos específicos vividos, mediados por circunstâncias vividas, lugares ocupados, costumes realimentados, perspectivas futuras imaginadas. Discursos de unidade podem ser vistos mais como estratégias de momento, ou como momentos de identificação, do que como identidade coletiva. Uma análise bem situada dos enredos das falas, ou seja, das maneiras como cada um organiza e interpreta a experiência, para si e para os outros, poderá ser muito fértil na exploração das razões pelas quais diferentes agricultores, vivendo situações específicas, em lugares específicos, reagem, solidarizando-se, ou não, em momentos determinados, como, por exemplo, diante da seca, na compra de ferramentas, na negociação de dívidas e empréstimos, na realização de mutirões, no trato com as autoridades, etc.. Isso tudo pode auxiliar na prospecção do futuro.

Um outro estudo, centrado nos modos como trabalhadores metalúrgicos vivem e interpretam o processo de reestruturação produtiva na indústria automobilística, em São Bernardo do Campo⁷, é bastante interessante, também para refletirmos um pouco mais sobre como o pesquisador vai construindo caminhos para melhor explorar a subjetividade das narrativas, no sentido de compreender e incorporar a experiência e as possibilidades criativas dos sujeitos sociais engendradas na cultura e pela cultura.

Partindo de uma realidade atual, na qual processos de reestruturação produtiva vêm desarticulando uma tradição de trabalho, provocando fortes alterações na qualidade de vida dos trabalhadores, por arrochos salariais, pela perda do poder aquisitivo, quando não pelo desemprego, pela desqualificação para o trabalho, pela aceleração do ritmo de trabalho, pelos desgastes da saúde dos trabalhadores, essa pesquisa indaga sobre o futuro desse trabalho e das próximas gerações de trabalhadores.

7 Telma Bessa Sales, *Experiências de João Ferrador em tempos de reestruturação produtiva: VW Anchieta – SBC*. Mestrado em História, PUC-SP, 2000. Orientadora: Profa. Dra. Heloísa de Faria Cruz.

Realizando uma investigação aberta desses processos nas peculiaridades da experiência vivida por ferramenteiros da empresa Volkswagen, recorre a fontes variadas e privilegia o diálogo direto com trabalhadores, procurando incorporar o ponto de vista deles e contribuir para sua melhor incorporação à história.

Buscando dialogar com casos extremos, seleciona nove trabalhadores, com idades e trajetórias diferentes, ocupando funções diferentes, alguns dos quais aposentados. Nesse caminho, relacionando fontes, informações e falas, trabalha duas dimensões, numa relação imbricada de convívio e de confronto, nessa experiência: ao tempo em que torna mais visíveis maneiras como formas de exploração, controle e/ou exclusão social se engendram, recupera, igualmente, nesse processo, modos como uma tradição metalúrgica foi sendo entretecida e realimentada no desenvolvimento da indústria automobilística da Volkswagen em São Bernardo do Campo, marcando, não sem tensões e lutas, o trabalho, a cidade e a própria constituição desses sujeitos como trabalhadores, ao longo de quatro ou cinco décadas.

Explorando passagens da vida de cada um dos entrevistados, traz maneiras como esses trabalhadores vão se formando e desenvolvendo suas habilidades, através de cursos e na experiência diária do trabalho; como vão se identificando e se reconhecendo nesse saber fazer, com orgulho e dignidade; recupera, também, como, fazer escolhas nessa experiência, correndo riscos e perigos, foi lhes possibilitando adquirir bens, propiciar estudo aos filhos e, sobretudo, ter orgulho do que são e do que fazem. Nesse caminho, abre espaço para refletirmos sobre saberes, habilidades e tradição de trabalhar como elementos da cultura, constitutivos dos sujeitos sociais.

O tratamento dado às narrativas nos traz, de maneira clara, dimensões de contradições, conflitos e ambigüidades vividos nesse processo entre o vigor de uma tradição metalúrgica, construída com base na experiência de ferramenteiros, plainadores, no uso do pantógrafo e de outros equipamentos, e a introdução de novas tecnologias e de novas formas de organização do trabalho, abalando, desestruturando, desmoronando saberes, habilidades e tradição de trabalho, padrões de vida, expressando-se em lutas que se fazem também na cultura e pela cultura.

Ao fazê-lo, esse estudo nos oferece pistas sobre procedimentos no âmbito das narrativas orais, no sentido de refletir mais sobre modos como os trabalhadores reagem a esses processos, reformulando certas práticas e valores e resistindo a outros, buscando evitar o risco de alimentar perspectivas nostálgicas em relação a uma experiência ativa, hoje obsoleta e sucumbindo às pressões tecnológicas e às estratégias da organização das relações de trabalho na empresa.

Thompson, na introdução à obra *Costumes em comum*⁸, referindo-se a mudanças nos significados e no vigor de costumes e tradições populares impregnados nos processos de constituição dos sujeitos sociais, reconhecendo a impossibilidade de uma pura volta ao passado, salienta que há maneiras de se fazer indagações sobre esse passado e de aproveitar algumas indicações para o futuro. Nessa perspectiva, o desdobramento do estudo dessa realidade poderá estar na continuação da análise cuidadosa dos significados das falas, explicando-as nas experiências presentes e passadas e nas perspectivas futuras de cada trabalhador que narra, com uma observação atenta de questões novas que emergem nesse processo: não estará se formando uma nova cultura ou tradição metalúrgicas em São Bernardo do Campo, alimentada por novos valores, referências e perspectivas, num campo de forças onde a ameaça do desemprego e de outros perigos estão presentes? Se sim, nela sobrevivem alguns elementos do passado, quais e de que maneira?

A pesquisa realizada dispõe de ricos elementos nas falas de velhos e jovens trabalhadores, para avaliar contradições, conflitos e ambigüidades nas experiências vividas. Se mostra como alguns ferramenteiros vão procurando se estabelecer num negócio próprio, traz também o testemunho de trabalhadores integrados aos novos modos de trabalhar, realimentando novos referenciais e novos valores; mostra, também, que essa experiência é vivida entre desafios, hesitações e escolhas em múltiplas direções. Por aí abrem-se pistas para explorar tensões que emergem tanto no ambiente de trabalho quanto familiar, engendradas nesse processo de mudanças.

Várias são as oportunidades, neste trabalho, de se explorar os modos como esses trabalhadores vêm lidando com o novo em meio às pressões históricas que vivem hoje, num entrecruzar de perspectivas passadas e futuras na vida de cada um. Alguns exemplos de narrativas produzidas por este estudo mostram que lidar com o novo, nos enredos construídos, pode não estar na interpretação que os mais velhos, por exemplo, fazem de sua vida atual, mas no que projetam para seus filhos.

Em cada pesquisa, nossos procedimentos com a história oral estão intimamente imbricados com as temáticas definidas para estudo e com as problemáticas que construímos em torno delas. Ao produzirmos narrativas orais num diálogo com pessoas, temos entrado em contato com presenças ignoradas ou ocultadas construindo maneiras

8 E. P. Thompson. "Introdução: costume e cultura", em *Costumes em comum, estudos sobre a cultura popular tradicional*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 13-24.

de resistir e sobreviver; com significações construídas e não reconhecidas numa ordem instituída constantemente realimentada, em cujos processos a oralidade joga um papel importante. Nesse sentido, questões sobre a própria oralidade vão se colocando, cada vez com maior evidência, tendo presente que narrativas orais produzidas por meio de um diálogo e oralidade como uma prática diária são questões distintas, embora uma possa trazer dimensões da outra e uma se articular com a outra.

Lidar com a oralidade das entrevistas, como um tipo de discurso cujos elementos constitutivos (interrupções, digressões, repetições, correções) tornam evidente o trabalho da palavra em manifestar o processo de transformação e o trabalho da consciência, ainda representa um caminho a ser percorrido com maior desenvoltura, no sentido de melhor compreendermos os modos como aquele que narra constrói sua interpretação e se situa na realidade social, e no sentido de tirar proveito desse trabalho explicando, igualmente, por esse procedimento, dimensões e mecanismos de uma determinada experiência social.

Por outro lado, pensando a oralidade como uma linguagem, por meio da qual os sujeitos se constituem em suas práticas diárias, e indagando que lugar ela ocupa na realidade social, temos uma outra dimensão de trabalho, possivelmente articulada à primeira, mas que não se identifica com ela.

Pensando essa oralidade historicamente constituída e situada, observamos que, numa sociedade na qual a cultura letrada exerce um papel hegemônico, articulada ao domínio da escrita, ainda temos refletido pouco sobre o papel da oralidade na constituição dos processos e dos sujeitos sociais. Estudos que se desenvolvem nesse sentido têm se concentrado mais na dimensão da literatura oral e escrita, no seu imbricamento e nas múltiplas interferências, do que na presença da oralidade nas práticas diárias das pessoas, no aprendizado, preservação e/ou transformação de hábitos; na transmissão cotidiana e rotineira de costumes, tradições ou modos de trabalhar, etc., enfim, na constituição dos sujeitos sociais.

Como compreender e lidar com essa oralidade? Como incorporá-la como um viés de reflexão sobre a realidade social? Como identificar seu lugar e as relações que se estabelecem em sociedades marcadas pela hegemonia de um saber instituído, intimamente articulado à cultura letrada em contextos localizados? Como lidar com as relações mútuas, complementares e contraditórias, dessas duas dimensões da cultura no fazer-se dos sujeitos específicos na sociedade contemporânea? Se nos caminhos da oralidade

estão pistas que possibilitam identificar sujeitos e práticas ainda pouco valorizados na história, de que cuidados a pesquisa, fazendo uso da história oral, deve se cercar a fim de superar essa carência?

Essas indagações nos remetem, novamente, ao diálogo entre entrevistador e entrevistado: como temos pensado e trabalhado a oralidade como temática de estudo ou referencial de análise? Como temos feito uso de nossas falas? Que consciência temos do lugar de onde falamos, do direito de falar? Que consciência cada um de nossos interlocutores, nas pesquisas, tem do lugar de sua fala e do direito de se expressar com liberdade? Como explicações desse processo são restituídas às pessoas cuja experiência estudamos, que normalmente se fazem pela via da escrita?

São muitas as perguntas e poucas as respostas. Em torno delas, apenas vimos construindo algumas reflexões, por vezes ainda pouco elaboradas, calcadas em nossa experiência de pesquisa, esperando poder estimular um diálogo com outros pesquisadores que vêm trabalhando com história oral, e com colegas de nossa ou de outras áreas do conhecimento.

A experiência cotidiana de moradores da cidade, por exemplo, que se constitui em temática de análise entre nós, tem gerado estudos sobre maneiras como diferentes sujeitos constroem a sobrevivência diária, constituindo seus territórios e a si mesmos, imprimindo configurações à cidade. Maneiras como os espaços são disputados, apropriados e significados também são expressões de rumos e tendências da transformação social, que tem nas cidades um lugar privilegiado para reflexão. Centrados nelas, podemos indagar de que maneiras grupos sociais, por pensamentos e práticas, produzem, eles próprios, seus ambientes na cidade, em meio às pressões históricas vividas. Nessas pesquisas, tanto a história oral quanto a oralidade têm representado valiosos instrumentos de trabalho e referenciais de análise.

Um estudo sobre o *rap* e os *rappers*, na cidade de São Paulo⁹, parece-nos bastante sugestivo nesse sentido. Pelo viés da oralidade e da musicalidade, Azevedo constrói uma reflexão sobre dimensões da vida e da cultura urbana paulistana.

Numa articulação entre experiências narradas, a própria música, notícias e artigos da imprensa e uma observação atenta de material iconográfico, de espaços e práticas, de expressões corporais e de valores estéticos desses grupos, que se engendram na

9 Amailton Magno Azevedo. *No ritmo do rap: música, cotidiano e sociabilidade negra, São Paulo – 1980-1997*. Mestrado em História, PUC-SP, 2000. Orientadora: Profa. Dra. Maria do Rosário Cunha Peixoto.

cidade e com a cidade, o estudo dá maior visibilidade a modos de viver e sobreviver desses jovens negros e pobres na cidade. Pensando e trabalhando a música não como mera “manifestação cultural”, mas como prática social, esta pesquisa tem o mérito de trazer uma cartografia peculiar da cidade, delineada por esses grupos de jovens produzindo, escutando, dançando música.

Na esteira da experiência do *rap* e dos *rappers* na cidade, esse estudo favorece a reflexão sobre um tipo de musicalidade como elemento constitutivo desses moradores da cidade que, partindo do fundo de quintais, espalham-se pela cidade, constroem seus territórios, disputam e conquistam espaços na cidade, firmando sua presença na realidade urbana. Por esses caminhos vão realimentando e reelaborando valores, estéticas e tradições. Constroem seu lazer e outras sociabilidades, criam modos de trabalhar, apropriam-se de espaços no mercado da música, fortalecendo suas raízes na cidade. Expressam seus olhares sobre a cidade, suas denúncias e manifestam sua liberdade, reivindicando seu direito a ela. Por meio dessa musicalidade e de sua presença espalham-se pela imprensa falada, escrita e televisiva; suas gravações cruzam fronteiras e o sucesso contempla alguns poucos.

Pelas escolhas, trabalhos e compromissos de alguns *rappers*, como é o caso do autor dessa pesquisa, o *rap* também penetra na universidade, tornando-se tema de estudo.

De que maneira as pesquisas acadêmicas podem colaborar, ainda mais, para sua incorporação à cidade e à história? Torná-los mais visíveis já representa uma conquista dessa pesquisa, enquanto novos desafios se delinham, ao se indagar sobre o lugar que a grande maioria daqueles que constituem esses grupos ocupa realmente na cidade; ao se indagar sobre modos como são reconhecidos, ou rechaçados, por sua maneira de ser, diferente, na cidade.

Forjando suas próprias linguagens e apropriando-se de outras, entretidas numa mistura de modos específicos de falar, de gesticular, de se vestir, de se comportar, de fazer e de cantar música (e vice-versa), esses jovens, vão se constituindo como sujeitos na cidade, mas não formam uma unidade. Com modos próprios de viver, de fazer, escutar ou dançar música, de fazer disso um trabalho ou uma diversão, ocupando lugares diferentes e de maneiras diversificadas, compartilham uma experiência, mas nem por isso são iguais. Colocar, portanto, em destaque e explicar essas diferenças pode representar descobertas culturais importantes, numa perspectiva de incorporação de todos os sujeitos à história. No que diz respeito ao *rap*, como uma linguagem musical específica, que incorpora modos de falar diários dos grupos, que se apropria de sonoridades va-

riadas, de outras tradições musicais, além de criar suas próprias variações, uma atenção especial à linguagem, tanto falada quanto musical, pode nos levar a meandros de modos de ser e de fazer insondáveis.

Compreender, no entanto, e realmente incorporar essas diferenças, demanda um domínio da natureza, dos significados e da complexidade dessas linguagens, que nos convida a um diálogo interdisciplinar no sentido de uma colaboração mútua sobre questões que não dominamos.

Numa outra direção, considerando as memórias como processos vivos de lembrar e esquecer e que história e memória se relacionam de maneira imbricada, complexa e contraditória na realidade social, temos buscado compreender, por exemplo, processos de configuração e transformação das cidades, refletindo sobre as relações entre espaço, cultura e memória, trabalhando com o ponto de vista de seus moradores. Investigar suas narrativas tem possibilitado descortinar espaços e modos de trabalhar e morar, dimensões simbólicas da cartografia de cidades, além de permitir identificar e compreender melhor modos como esses moradores projetam, disputam, constroem seus territórios na cidade; modos como circulam por ela, usam-na e dela se apropriam, enraizando-se nela. A lembrança narrada de vivências nesses lugares traz modalidades de lidas diárias, de encontros diurnos ou noturnos de trabalhadores e moradores de um bairro. Lugares trazidos pela memória aparecem como referências simbólicas de experiências vividas, de relações disputadas, da mesma forma que neles se produzem novas experiências.

Estudo significativo, nesse sentido, é sobre o Saara, como uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro¹⁰. Esse espaço, várias vezes ameaçado por projetos urbanísticos para a cidade e, mais recentemente, disputado por novos imigrantes, como chineses e coreanos, ainda guarda as marcas da presença de imigrantes sírios e libaneses, cristãos, muçulmanos e judeus que, desde fins do século XIX, foram aí se instalando.

Habitando e trabalhando nesse espaço, sírios e libaneses o foram transformando em seu território, impregnando-o de formas específicas de comerciar e de morar; organizando e decorando suas casas e lojas e se sociabilizando no bairro e com o bairro, foram deixando marcas de sua cultura.

10 Paula Ribeiro, *Saara, uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro, 1960-1990*, Mestrado em História, PUC-SP, 2000. Orientadora: Profa. Dra. Yara Aun Khoury.

Essa pesquisa, além de observar e analisar a concretude mais visível do lugar e de recorrer a uma documentação variada, concentra-se em diálogos com alguns desses moradores da cidade. Explorando modos como cada um dos entrevistados valoriza dimensões bastante variadas de sua experiência como imigrante, ou filho de imigrante, e de seu viver no Saara, dá especial atenção ao modo como recorrem à memória oral como forma de preservar esse território como seu, ainda que sob perspectivas bastante diferenciadas entre si. Entre as artimanhas e recursos que formulam e organizam para preservá-lo, a própria criação, por negociantes do local, da Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, que gerou a sigla Saara, expressa essa resistência. No imaginário da cidade, Saara, a sigla, foi sendo associada a esse mesmo nome que designa o deserto do norte da África, muito ligado à imagem que se faz dos povos árabes, também contribuiu para realimentar e legitimar esse espaço da cidade como território sábio e libanês. Essa imagem, constantemente retomada em negociações comerciais e políticas, é ainda hoje realimentada, incorporando novas conotações e gerando novas imagens, como Saara a Suíça Brasileira, ou seja, um lugar sem disputas, onde todo mundo é igual, etc.

Entretanto, observando as lembranças do lugar, trazidas por habitantes e ex-habitantes do Saara, notam-se significativas diferenças, tensões e disputas, aparentemente encobertas por memórias mais trabalhadas e difundidas. Analisando o endereço, a direção, o objetivo e outros significados de cada fala, a pesquisa procura explorar essas diferenças e tensões: para alguns, a memória ajuda a refazer e a preservar o lugar, por meio de lembranças afetivas de relações familiares, caseiras e privadas, que se estendem pelas ruas, num entretecer diário de encontros, na circulação pelo bairro, nas lojas, nos bares onde os homens se encontram para descansar, conversar e fumar, nos locais de brincadeiras das crianças, nos locais de culto, etc. Entre estes, continuar morando no Saara significa preservar um modo de vida, valores e relações que dão sentido à sua própria vida. Para outros, realimentar a memória do Saara significa preservar modos de trabalhar e negociar que, se já não se concentram mais na rua da Alfândega e adjacências, guardam características da cultura sábio-libanesa que dão sentido e bons resultados aos seus negócios também em outros bairros da cidade, ainda que, entre eles próprios, não sejam poucas as disputas, motivadas por interesses, valores e projetos alternativos. A maioria deles, já não habita o lugar, mas continua ligado a ele, por estruturas de sentimento, como diria Raymond Williams¹¹. Essas estruturas de senti-

11 Raymond Williams, *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

mento, identificadas no trabalho das memórias e com as memórias de vários desses imigrantes e filhos de imigrantes, apontam dimensões e direções diversificadas, complexas, ambíguas e contraditórias, que se constituem em possibilidades muito ricas de exploração das subjetividades na explicação das peculiaridades e dos mecanismos da dinâmica social, na experiência social vivida. Falar em estruturas de sentimento entre pessoas que se constituem num grupo cultural comum, não significa considerar, no entanto, essa cultura como uma unidade; o que chamamos de cultura síria e libanesa é um amálgama de várias culturas, e é preciso sondar e compreender seus significados impregnados no fazer-se diário dessas pessoas.

Dar continuidade a essa pesquisa, explorando essas diferenças e as disputas, que se tornam cada vez mais incisivas no lugar, e seus significados na elaboração e usos da memória (e vice-versa), poderá nos oferecer melhores subsídios para refletir sobre os caminhos e sentidos da mudança social; no caso, ponderar sobre o futuro do próprio Saara como território sírio e libanês, no Rio de Janeiro.

Uma outra pesquisa, sobre libaneses na cidade de São Paulo¹², dá-nos a oportunidade de refletir um pouco mais sobre as contribuições das narrativas orais no estudo das relações entre espaço, cultura e memória.

A pesquisa, procurando compreender modos como, na cidade, libaneses com procedências bastante diversificadas, bagagens culturais variadas, vão imprimindo suas marcas no espaço urbano paulistano, recorre a um amplo levantamento de fontes e informações, privilegiando o trabalho com as entrevistas. Nos fatos que esses libaneses escolhem para narrar, ou que criam ao narrar; nos modos como o fazem, atribuindo significados à sua experiência e a si mesmos, vão levando a entrever modos como, criando formas de trabalhar, de morar, de constituir família, de se associar na cidade, disputando lugares e fazeres entre si e com outros moradores, enraízam-se na cidade, nutrindo um sentimento de pertencimento a ela, ao mesmo tempo em que se refazem com ela, de maneiras bem mais complexas do que se possa imaginar.

As narrativas revelam que a experiência desses libaneses em São Paulo permeia-se de imagens, memórias e sentimentos marcados por ambigüidades e contradições. Experiências narradas e recordadas aqui e no presente, emergem de múltiplas temporalidades que se misturam, intervindo em seu emocional e em suas práticas diárias. Esten-

12 Yara Aun Khoury. *Cidades e memórias na vida de libaneses em São Paulo, 1950-2000*. Projeto em desenvolvimento no Núcleo de Estudos Cultura, Trabalho e Cidade, junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC-SP, 20001.

dem-se para além das fronteiras físicas onde vivem, misturando-se e reelaborando-se no entretecer de sua experiência, passada e presente, entre São Paulo e o país de origem, influenciando, também, nos modos de projetar o futuro.

Nesse caminho de investigação, a atenção volta-se para melhor apreender e compreender diferenças, contradições e ambigüidades, em cada narrativa e na comparação entre elas. A maior dificuldade está em identificar e explorar tênues vestígios ou nuances perdidas nos meandros dos enredos construídos pelos entrevistados, reconhecendo, naquilo que nos parece estranho, elementos de suas culturas, com profundos significados nos seus modos diários de ser, de pensar e de fazer.

Dentro dos limites que a apresentação de passagens de uma pesquisa mais ampla possa representar para sua compreensão mais adequada, citamos um exemplo:

Em conversas com chefes religiosos libaneses de diferentes tendências, com presidentes ou diretores culturais de alguns clubes e associações, com representantes consulares ou da própria embaixada, com lideranças de alguns movimentos, algumas memórias de referência constantemente realimentadas chamam a atenção por seu vigor e difusão e por seu domínio sobre outras. Por meio delas emergem histórias ancestrais, narradas de forma épica, destacando a coragem dos primeiros chegados penetrando pelos sertões como mascates; emergem, também, recordações da vida no Líbano como “a Suíça do Oriente Médio” (uma imagem que se contrapõe, hoje, a uma dura realidade trazida pela guerra).

Em contraste, outras, por vezes mais silenciosas e cochichadas, por vezes mais agressivas e diretas, fazem referências complexas a lutas políticas e religiosas, sustentadas por diferentes grupos culturais e políticos que constituem o povo libanês. Essas lutas, que constantemente marcaram a vida no Líbano e no Oriente Médio, estendendo-se até o Brasil e São Paulo, em certos momentos, são profundamente significativas, por terem, entre outras coisas, desarticulado modos de viver de uma grande maioria de libaneses, desenraizando-os de seus territórios de origem, levando-os a buscar sobrevivência em outros países. No entanto, a vida de libaneses em São Paulo não se limita a essas disputas, embora esteja amplamente impregnada por elas.

Tentando ultrapassar os limites das perspectivas sob as quais essas narrativas apresentaram dimensões da vida de libaneses em São Paulo e dar conta de outras dimensões igualmente significativas na vida desses moradores da cidade, o trabalho com outras falas e memórias possibilitou abrir novas pistas de investigação.

Alguns enredos, principalmente contados por pequenos lojistas trabalhando atualmente no Brás e por senhoras, donas-de-casa, já vinham trazendo lembranças de uma

vida simples e prazerosa nas aldeias de origem ou na capital, Beirute, de encontros da vida cotidiana marcados por um tempo disponível para o bate-papo, para degustação do café, do suco e das frutas, para fumar narguile ou jogar gamão (práticas que se repetem em São Paulo, com algumas variações), contrastando com indícios, apenas confessados, de dificuldades e discriminações entre si e de outros moradores da cidade.

No conjunto dessas narrativas, se algumas contribuem para dignificar e enaltecer a imagem do grupo como uma coletividade, elas também encobrem fortes diferenças e tensões entretecidas na vida diária. Outras, menos hegemônicas, levam-nos com mais facilidade a penetrar nos meandros das problemáticas vividas, ainda que por caminhos que exigem abertura e sensibilidade do pesquisador.

A entrevista com uma senhora libanesa, de 63 anos, católica maronita, originária do norte do Líbano, vinda para o Brasil há uns 20 anos, é um bom exemplo de um exercício de análise, compreensão e explicação possível.

Comunicando-se de modo mais espontâneo, no ambiente privado de sua casa, esta senhora deu mostras do potencial de sua subjetividade na recuperação de problemáticas na experiência social vivida em São Paulo.

Os significados de sua narrativa fazem mais sentido na medida em que faz parte dos maronitas, grupo que, embora tenha exercido poder máximo no Líbano, desde a independência do domínio francês, em 1942, até os anos 1960, hoje perdeu consideravelmente sua força política.

O canal de comunicação, que possibilitou superar reservas que os entrevistados naturalmente sentem nos primeiros contatos, foi tocar num elemento da cultura libanesa, aparentemente banal, mas fortemente arraigado nas práticas diárias e constituindo-se, igualmente, numa dimensão simbólica repleta de significados: a alimentação.

Sua produção e seu usufruto permeiam relações familiares, formas de valorização das mães de família, a atribuição de papéis específicos aos chefes de família em ocasiões especiais; dão sentido, sucesso e fama a certos tipos de trabalho. Memórias de infância, de encontros de lazer, de festas e rituais religiosos, de costumes perdidos mas ainda desejados, das aldeias ancestrais, articulam-se, inevitável e intrinsecamente ligadas aos sabores, odores e usos da alimentação; tipos de frutas, legumes, leites, carnes e cereais, as estações do ano em que aparecem, os modos de prepará-los, são alvos de longas conversas e significativas recordações.

Explorar esse traço da cultura libanesa nos enredos construídos por essa senhora, atentando para os significados presentes nos modos como memórias em torno da ali-

mentação se fazem e se reelaboram na sua narrativa e na de outros libaneses, tem se constituído num proveitoso exercício de pesquisa, não sem desafios e dificuldades, no sentido de identificar diferenças, que se expressam de maneira sutil e nuançada.

Falando sobre alimentos e alimentação, dona Renê incursiona por sua vida cotidiana, pelas relações familiares, de trabalho, por memórias da terra natal, por relações de amizade, sociabilidades e por seus afetos e estranhamentos em relação a São Paulo. A partir desse assunto e articulando-o a outros, manifesta suas habilidades, seu potencial para o trabalho, expressa suas críticas, reivindica um lugar na coletividade e na cidade.

Nessas conversas com dona Renê, em sua fala simples, cheia de emoção e protesto, delineiam-se pistas sutis e nuançadas de relações de classe e de poder por meio das quais os libaneses constroem sua vida em São Paulo. Em sua narrativa, na qual se identifica habitando um bairro de classe média, sem muitos recursos financeiros, e guardando um modo de vida semelhante ao que tinha em sua aldeia natal, retorna sempre aos seus cuidados com a alimentação, mesmo quando procura valorizar sua imagem mais pública. Inicia falando de suas habilidades culinárias, passando, em seguida, a firmar suas qualidades em outras dimensões de sua vida. Narra com orgulho ter estudado em escola de religiosas francesas, no Líbano, destacando como uma de suas qualidades saber falar francês¹³. Retoma, algumas vezes, na conversa, o fato de ter dado vários cursos de culinária, em sua casa, e que ainda sonha publicar um livro sobre a cozinha libanesa que sabe fazer.

Observa-se que, entre os libaneses, os que mais se referem à alimentação são aqueles que ainda guardam fortes vínculos com suas cidades de origem. Estas, na sua maioria, guardam características rurais ou, mesmo tendo se transformado com o passar dos anos, são ainda recordadas com essas características, por aqueles que as deixaram há mais tempo. Muitos desses libaneses em São Paulo, ao se constituírem como pequenos ou grandes empresários, embora lembrando com menos freqüência suas origens, raramente abrem mão de se referir aos sabores dos alimentos, ainda que modificando seus hábitos. Não abatem mais os animais em casa, não freqüentam mais a cozinha, deixam de ir pessoalmente escolher suas frutas e legumes nas feiras e mercados. Se alguns ainda o fazem, qualificam de *hobby* esse hábito.

13 Desde a instalação do mandato francês, essas escolas foram se tornando espaços de formação refinada de meninas e meninos libaneses, separadamente. Como um país bilingüe, enquanto na capital, Beirute, todos falam francês cotidianamente e isso representa um refinamento de classe, nas aldeias predomina o árabe, embora os estudos sejam feitos igualmente em ambas as línguas.

Já mais à vontade, expressando sua opinião sobre as relações entre os libaneses em São Paulo, dona Renê reclama do tratamento que recebe em alguns clubes e locais de culto da coletividade. Observando que os lugares privilegiados, nas festividades, tanto no clube como na igreja, são sempre reservados às famílias mais ricas e mais importantes, crítica com vigor esse procedimento e, quando pode, disputa esses lugares, considerando que tem os mesmos direitos, pois tem qualidades morais e estudo; é boa esposa, criou bem seus filhos e se considera uma autoridade em culinária.

Um levantamento mais cuidadoso dos clubes organizados por libaneses na cidade leva à constatação de diferenças significativas entre eles, desde os que reúnem grupos originários de aldeias mais simples, até os que congregam as famílias mais abastadas. Alguns libaneses, de origem mais modesta no Líbano, logrando estabelecer melhor situação em São Paulo, preferem distanciar-se dessas origens, freqüentando clubes brasileiros, ou o Monte Líbano, que reúne as famílias libanesas mais “bem-sucedidas”, o que quer dizer, com maior poder aquisitivo; preferem, também, falar mais de modos de vida que procuram reproduzir aqui, do que recordar seu viver lá. Entre eles, alguns, menos ricos, chegam a freqüentar esse clube, sem, no entanto, fazer parte de círculos mais fechados dentro do próprio clube¹⁴. Outros, recolhem-se em clubes mais simples, que levam, geralmente, o nome de suas aldeias de origem, realizando atividades sociais e culturais, por meio dos quais realimentam memórias, procurando preservar práticas, tradições e hábitos peculiares de cada localidade.

Observar o percurso que os associados fazem, uns permanecendo sempre nos mesmos clubes, enquanto outros buscam passar sucessivamente para os maiores e mais importantes, tem se mostrado uma pista importante para discutir disputas de classe vividas também entre libaneses, que passam pelos negócios que constituem, por articulações políticas, tanto quanto pela manutenção ou abandono de certas práticas culturais, por formas de se comportar e de falar, etc.. Nesses mesmos clubes e associações tornam-se mais visíveis disputas culturais e políticas, embora elas perpassem todas as outras dimensões da vida social.

No exercício de compreensão dos enredos construídos por nossos interlocutores, analisando as falas no contexto da vida de cada indivíduo, comparando-as entre si,

14 No interior mesmo de alguns desses clubes, outras disputas se delineiam, marcadamente políticas e culturais, muito apoiadas em memórias épicas, que procuram identificar os libaneses com os fenícios e, com isso, salientar uma pureza cultural que os diferencia do mundo árabe atual; ou, por outro lado, recordando raízes árabes impregnadas na cultura libanesa.

numa reflexão complexa e imbricada, em que se cruzam informações de natureza e procedências variadas e decodificação de significados trazidos pela subjetividade de cada um, temos procurado avançar em nosso trabalho com a história oral, dentro das perspectivas que vimos apontando ao longo deste texto. O exame de diferentes narrativas tem possibilitado desdobrar e aprofundar essas explicações, de maneira mais ampla e complexa.

Várias questões, algumas nem mencionadas e outras apenas enunciadas, continuam a nos inquietar nesses trabalhos. Entre elas, ainda há um bom caminho a ser desenvolvido na experimentação da relação dialógica da entrevista, do entendimento da oralidade como prática social e como referencial de análise, do exercício de compreensão da oralidade como um gênero da lingüística, do trabalho de interpretação do historiador, do modo de apresentação do produto final de um trabalho que se propõe a incorporar a diferença e a pluralidade.

Nesse caminho, continuamos procurando responder questões já levantadas aqui: como dar espaço à diferença e à pluralidade em meio a tantos poderes impregnados nas relações sociais, impondo-se diariamente, disciplinando modos de pensar e de agir, não só entre os sujeitos que estudamos, mas o próprio pesquisador? De que cuidados a pesquisa deve se cercar a fim de que não prevaleçam visões e perspectivas desse próprio saber instituído no produto final apresentado pelo pesquisador?

Quanto mais avançamos nesse trabalho, tanto mais temos a consciência de que o diálogo é um processo dinâmico, por meio do qual pesquisador e entrevistados vão se modificando e reformulando suas interpretações e que estes são elementos da cultura e do movimento da história.

Por outro lado, quanto mais constatamos, no processo das entrevistas, que boa parte das pessoas não assume automaticamente, ou não reconhece imediatamente, seu direito público de falar, tanto mais nos sentimos comprometidos com a tarefa de refletir, no próprio diálogo, e para além dele, sobre as condições e relações que nos condicionam a esse modo de ser. Temos observado que, se muitos não reconhecem seu direito à fala ou um valor em sua fala, o caminho de diálogo e de reflexão, que conseguimos construir juntos, modifica e fortalece a ambos, encorajando-nos a pensar e a propor que vale a pena continuar.

Referências bibliográficas

- Fenelon, Déa. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?. *História & Perspectiva*, n. 6. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 1991, pp. 5-23.
- Portelli, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memória e nas fontes orais. *Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, pp. 59-72.
- _____. Forma e significado da história oral. A pesquisa como um experimento de igualdade. *Projeto História*, n. 14, São Paulo, Educ, fev. 1997, pp. 7-27.
- _____. "História oral como gênero". In: *The battle of Valle Giulia, oral history and the art of dialogue*. Madison. The University of Wisconsin, 1997, pp. 3-23.
- _____. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, n. 14, São Paulo, Educ, fev. 1997, pp. 25-39.
- _____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e história oral. *Projeto História*, n. 15, São Paulo, Educ, abr. 1997, pp. 13-33.
- Thompson, E. P. "Introdução: costume e cultura". In: *Costumes em comum, estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 13-24.
- Thomson, Alistair. *Anzac memories. Living with the legend*. Melbourne, Oxford University Press, 1994.
- _____. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*, n. 15, São Paulo, Educ, abr. 1997, pp. 51-84.
- Williams, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.